

RICARDO REIS E A NEGAÇÃO DO CRISTIANISMO

Adriane Cherpinski

Laranjeiras do Sul – Paraná

Telefone (42) 99352841

E-mail adryane@bol.com.br

Orientadora: prof^a Dr^a Maria Natália F. G. Thimóteo

Linha de pesquisa: análise poética.

Resumo

O presente estudo é resultado do projeto de TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que aborda alguns aspectos da poesia do heterônimo pessoano Ricardo Reis. Restringe-se a pesquisa à análise da negação do Cristianismo em algumas odes, uma vez que a gênese de sua poesia está ligada ao paganismo, epicurismo e estoicismo. Não será ousado afirmar que o paganismo do heterônimo Reis é apenas um disfarce e nele está latente o cristianismo. O próprio Fernando Pessoa indica a sua direção na carta da gênese dos heterônimos, ao apresentar Reis. O poeta deixa muitas pistas, em inúmeras Odes, da sua ineficiência em negar totalmente o Cristianismo, uma vez que na criação deste poeta Pessoa já anuncia o seu pensamento: “Arranquei do seu falso paganismo o Ricardo Reis”. A pesquisa deverá detectar essa crença “escondida” e a sua questão religiosa. A negação afasta o mestre do paganismo insistentemente, demonstra muito bem o seu conhecimento do cristianismo. São justamente estes resquícios de um cristianismo passado que serão apontados em algumas odes de Reis. Serão analisados alguns trechos de odes que denunciam o aspecto religioso abordado, bem como suas influências.

Palavras-chave: Cristianismo, Paganismo, crença, negação, exaltação, Ricardo Reis.

O Paganismo de Reis: “sob a leve tutela de Deuses descuidosos...”

Afirmar que um artista está vivo 71 anos após sua morte é comum quando se trata do poeta Fernando Pessoa (1888-1935). Assim como seus heterônimos, sua produção não cessa de se multiplicar. A *Revista Entre Livros* traz em sua edição de fevereiro de 2006 uma série de poemas inéditos do poeta que se multiplica ou se despersonaliza na figura de inúmeros outros, dando forma à amplitude e à complexidade dos seus pensamentos, conhecimentos e percepções da vida e do mundo. Ao dar vida às múltiplas personalidades poéticas que carrega dentro de si, Fernando Pessoa expressa as diferentes formas de pensar o mundo, as coisas e as pessoas. É importante lembrar que a palavra *pessoa* comporta em si um simbolismo fictício, de assumir uma personagem, se recordarmos que é das máscaras de teatro dos atores clássicos, representativas de uma *personagem*, que surge do latim a palavra *persona*, origem etimológica de ‘pessoa’. Os heterônimos podem ser vistos como a expressão de diferentes personalidades do poeta, o qual criou 72 heterônimos, como confirma a pesquisa de Teresa Rita Lopes (1990). “Começou a inventar na infância nomes para assinar escritos diversos. Mais tarde, usaria pseudônimo para assinar artigos publicados em jornais. E foi assim que o poeta se multiplicou em diversas pessoas”. (LOPES, 1990, p 201).

Os mais conhecidos são Álvaro de Campos, Alberto Caeiro e Ricardo Reis. “Pessoa chamou heterônimos a estes e outros poetas inventados por ele a partir de 1914”. (CRESPO, 1984, p. 67). Para cada um, Fernando Pessoa traçou uma minuciosa biografia, horóscopo, retrato físico completo, acrescentando características morais, intelectuais e

ideológicas: “O próprio Pessoa tratou de justificar a sua maneira de entender e orientar a sua poesia heterônima dizendo que lhe assistia o mesmo direito de criar personagens que o que, no seu tempo, assistiu ao próprio Shakespeare, quando criou as suas”. (CRESPO, 1984, p. 69).

Criou o poeta uma trindade de personagens diferentes, cada um com uma proposta literária distinta, personagens que se conhecem e entram em polêmica uns com os outros, bem como com o ortônimo. “Os heterônimos de Pessoa mantiveram relações muito pessoais, ‘complicadas e constantes’ durante mais de vinte anos – de 1914 a 1935 – com Fernando Pessoa”. (CRESPO, 1984, p. 70). Lourenço afirma que não faltou muito para que Caetano, Reis e Campos tivessem um ficheiro nos registos civis do nosso mundo irreal. Acrescenta ainda que “...os heterônimos tais como textualmente se concretizaram, são o resultado da deflagração do universo de Pessoa confrontado com o universo de Walt Whitman”. (LOURENÇO, 1973, p.167). Contudo, o ortônimo nunca chegou a publicar nenhuma obra dos heterônimos, mesmo possuindo material em termos qualitativos e quantitativos mais que o suficiente para muitos volumes. “Simplesmente, porque no plano de publicação das suas obras heterônimas figuravam vários volumes teóricos que ainda não estavam terminados e que iam ser os únicos capazes de explicar suficientemente o sentido dos poetas heterônimos”. (CRESPO, 1984, p.p. 70-71).

Com planos de intervir sobre a sociedade portuguesa, que considera empobrecida, Fernando Pessoa vai ensaiando textos críticos e humorísticos que abordam, por exemplo, a política, religião e a filosofia. Restringe-se esta pesquisa à crença religiosa, não de Pessoa, mas, mais especificamente, à do heterônimo Ricardo Reis.

“A religião é disciplinadora da inteligência no sentido de que lhe dá uma base, sobre que confiadamente assente [...] é uma educação do pensamento [...]. Ter uma religião envolve num indivíduo que ele se subordine a uma realidade exterior a ele, e superior a ele evidentemente”. (CRESPO, 1984, pp. 84-85).

Desta forma, pretende-se detectar a crença de Reis no paganismo e seu possível cristianismo. Levantamos aqui uma das principais questões que norteiam esta pesquisa: até que ponto Reis era pagão? “Na verdade, Pessoa foi (e é), em grau raro, o Poeta de um mundo em que todas as palavras dos homens e tudo o que eles chamavam valores foi afetado (e infetado) de irrealidade, quer dizer, de suspeita”. (LOURENÇO, 1973, p. 166).

Fernando Pessoa escreveu numa carta, endereçada a Casais Monteiro detalhes da criação do heterônimo e adiantou-nos esta informação: [...] “Arranquei do seu falso paganismo o Ricardo Reis” [...]. A resposta é clara e sem rodeios. Antes mesmo de Pessoa “conceber” a “vida literária” de Reis, suas odes denunciam esse “falso paganismo”. De antemão, Pessoa nos explica, através da carta, que o heterônimo se diz pagão, porém, porque assim o determinou. Entretanto reconhecemos uma discordância interna, denunciando a existência de uma religião, o que não pode ser considerado uma crença. Pagão por *lusus naturae* (PESSOA, 1995 p. 112), como ele próprio se define, retomará, então as filosofias pré-cristãs, epicurismo e estoicismo. Por isso, em seu paganismo decadente, mais artificial e intelectual que o do mestre Caeiro, Cristo é apenas um deus a mais, triste, encenando-o na síntese dos diversos deuses de seu panteão neoclássico. Por isso, dirá: “No Panteão faltavas. Pois que vieste/ No Panteão o teu lugar ocupa, / Mas cuida não procures / Usurpar o que aos outros é devido”. (PESSOA, 1990, p. 272).

Paganismo é uma forma de vida e é uma religião que tem as suas raízes na pureza da infinita variedade da natureza, venerando a divindade feminina e o seu sagrado masculino em todos seus aspectos. Um ser humano não se concebe só por um ser, é preciso o lado feminino e o masculino para a criação, por isso, quem nasce com o sentido pagão nasce amando naturalmente a Deusa e o Deus. O paganismo procura a união espiritual com a divindade através da harmonização com as correntes da natureza. “Segundo Pessoa, há dois paganismos: o popular dos deuses e dos mitos, e o transcendental, relacionado com os mistérios. ‘O cristianismo é uma corrupção do paganismo transcendental’”.

(CRESPO, 1984, p. 78). Percebemos aí que partiu de Fernando Pessoa uma certa aversão ao paganismo popular, a qual ele transferiu ao seu heterônimo.

Antonio Mora, por volta de 1917, distingue três fórmulas pagãs:

“a vulgar, que oferece sacrifícios aos deuses e tenta propiciá-los , pois que, não sendo melhores que nós, são todavia mais poderosos; a chamada epicurista, que, considerando que os deuses não curam de nós e o Destino é inúmero e indivino, acha que a vida não merece outra consideração que não um humilde estudo de como a poderemos passar com menos dor – pelo prazer intenso e breve, ou pelo largo equilíbrio dos prazeres -; e a chamada estóica, que acha que o homem compete, como homem, submeter-se ao Destino e aos Deuses; como deus virtual, ter o orgulho intelectual de conhecer a necessidade dessa submissão”. (SILVA, 1985, p. 94).

Ao “conceder” a vida a Ricardo Reis, Fernando Pessoa nela estimulou as duas últimas fórmulas pagãs, a epicurista e a estóica. Essas tendências Reis bem as demonstra quando repele a dor e também aceita o destino tal como é, assim como os deuses também, sem revidar ou interrogar acontecimentos que por ventura sejam contrários a sua vontade. Observamos, não apenas nas odes, que Reis opta em ser “ao mesmo tempo epicurista e estóico”, mas em escritos também: “eu sou, discipularmente, do mesmo paganismo que Caeiro, acrescentando-lhe porém a forma mais precisa que a essência me parece necessitar, e a crença na realidade exterior e absoluta dos Deuses antigos, que a minha índole religiosa me pede sem que eu pretenda furtar-me a essa solicitação. Mas sem Caeiro tudo isto me seria impossível”. (apud SILVA, 1985, p. 94). Reis atribui a Alberto Caeiro, o mestre de todos os heterônimos e do ortônimo, sua crença pagã. Admite que foi após a leitura de *O Guardador de Rebanhos* de Caeiro que “se converteu” ao paganismo. Entretanto, mantém sua crença fiel à dos deuses antigos:

“Nas composições com que os deuses me concedem que entretenha os meus ócios, eu sou – escreveu Ricardo Reis –

discipularmente, do mesmo paganismo que Caeiro, acrescentando-lhe porém a forma mais precisa que a essência me parece necessitar, e a crença na realidade exterior e absoluta dos Deuses antigos, que a minha índole religiosa me pede sem que eu pretenda furtar-me a essa solicitação. [...] Eu sou, é certo, um pagão nato. Pôr um *lusus natural*, cuja razão não sei, mas que é curioso que acontecesse a pouca distância no tempo daquele que Caeiro representa, nasci com um temperamento tal, que o objetivismo me é natural e próprio. Mas, repito, eu ficaria quando muito, preso de um mal-estar instintivo e inexplicável, descrente no cristianismo e sem crença possível, se não me tivesse vindo a revelação da obra de Caeiro. Eu era como o cego de nascença em que há porém a possibilidade de ver; e o meu conhecimento com '*O Guardador de Rebanhos*' foi a mão cirurgiã que me abriu, com os olhos, a vista. Em um momento transformou-se a Terra, e todo o mundo adquiriu o sentido que eu tivera instintivo em mim". (CRESPO, 1984, p.p. 83-84).

Se Reis concebeu o paganismo após a leitura do *Guardador de Rebanhos*, percebemos que até tal momento ele tinha outras concepções, outras crenças das quais poderia estar decepcionado. "Sua índole religiosa" ampliou os horizontes conhecendo outras coisas tomando-as como melhores que as anteriores, que certamente eram carregadas de tristezas, que o heterônimo queria afastar de si. Reis se define um pagão *lusus natural*, ou seja que possui um sentimento inato. Usa o paganismo para afastar o sofrimento, no entanto a sua tristeza permanece. Eduardo Lourenço é de opinião que a *alegria* de Caeiro é mais ausência de pena, esquecimento pontual da inesquecível fatalidade de *ser consciente* do que a participação exaltante no fluxo do universo e gozo positivo diante do espetáculo da multiplicidade. Daí é que resulta esta relação umbilical com Reis, que passa a ser seu discípulo com o paganismo triste e heróico. "Sem dúvida que Pessoa quis, através de Caeiro, acender a esse paganismo ideal, capaz de responder cabalmente à sua sede de uma verdade absoluta e racional, superadora da religião da consciência infeliz que é para ele, como para Nietzsche, o Cristianismo". (LOURENÇO, 1973, p. 191).

Podemos levantar a hipótese de que Reis adotou o paganismo substituindo ou disfarçando a religião cristã, a qual trazia dentro de si, porém não concordava totalmente com o que a Igreja Católica pregava. Talvez seja essa a razão do heterônimo negar e ao mesmo tempo admitir

e até eleger o cristianismo em alguns momentos. Nega-o como se tivesse vergonha dele e aceita-o e o louva em suas odes no sentido de adoração íntima e mútua a Deus. [...] “não há dúvida de que o paganismo pode ser compreendido e sentido de diferentes maneiras, como demonstra a história da religião clássica; daí que cada um dos heterônimos fosse assumindo uma fé pagã claramente diferenciada, tanto no aspecto moral como nas suas conseqüências estéticas, através dos versos que lhe outorgavam existência”. (CRESPO, 1984, p. 73).

Eduardo Lourenço escreveu que o propósito de Fernando Pessoa “não era outro que o de destruir concretamente o cristianismo, de que está encharcado até os ossos. Pessoa salvou o que considerava ‘saudável’ do seu cristianismo”. (Lourenço, 1973, p.161, grifos nossos). Entendemos a rejeição do cristianismo que o heterônimo herda do ortônimo como se esse quisesse justificar através do heterônimo a angústia em querer libertar-se de ‘tabus’ cristãos.

O paganismo revela-se como a justificação do nascimento dos heterônimos no seguinte texto:

“O neo-pagão [...] admite como aceitáveis todas as metafísicas, exatamente como o pagão aceitava todos os deuses na larga capacidade do seu panteão. Ele não procura unificar numa metafísica as suas idéias filosóficas, mas realizar um ecletismo que não procura saber a verdade por crer que todas as filosofias são igualmente verdadeiras. / O neo-pagão convencer-se-á de que, escrevendo, realiza o seu sentimento da Natureza.”. (Apud PESSOA. CRESPO, 1984, p. 76).

Na época, Fernando Pessoa via o Cristianismo em decadência, afirmando que a Igreja Católica “é o Império Romano”. O próprio ortônimo atribuiu, então, a Ricardo Reis o paganismo, mostrando que mesmo sendo cristão havia em si uma outra face, crente em algo mais antigo, telúrico. Assim brota toda a filosofia de Ricardo Reis.

“Os Deuses desterrados vêm espreitar a vida.” (p. 254)

Para o nascimento do heterônimo Ricardo Reis, Fernando Pessoa passa por duas fases distintas. Primeiro afirma que este nasce no seu espírito no dia 08 de março de 1914 que

“O Dr. Ricardo Reis nasceu dentro da minha alma no dia 29 de Janeiro de 1914, pelas 11 horas da noite. Eu estivera ouvindo no dia anterior uma discussão extensa sobre os excessos, especialmente de realização, da arte moderna. Segundo o meu processo de sentir as cousas sem as sentir, fui-me deixando ir na onda dessa reação momentânea. Quando reparei em que estava pensando, vi que tinha erguido uma teoria neoclássica, se ia desenvolvendo.” (PESSOA, 2001, p. 123).

Mais tarde, numa carta a Adolfo Casais Monteiro, datada de 13 de janeiro de 1935, altera a data deste nascimento afirmando que Ricardo Reis nascera no seu espírito em 1912. “Fernando Pessoa considera que este heterônimo foi o primeiro a revelar-se-lhe, ainda que não tenha sido o primeiro a iniciar a sua atividade literária. Se Ricardo Reis está latente desde o ano de 1912, a julgar pela carta mencionada, é só em março de 1914 que o autor das odes inicia a sua produção, desde então continuada e intensa, e sempre coerente e inalterável, até 13 de dezembro de 1933”. (PESSOA, 2001, p.124).

Fernando Pessoa enviou os primeiros poemas de Ricardo Reis para Sá Carneiro, poucos dias após serem escritos. O amigo mostrou-se muito entusiasmado: ‘Admiráveis, meu querido Poeta’, escreve a Fernando Pessoa em 27 de junho de 1914, comentado sobre elementos novos introduzidos nas odes como a impessoalidade, pois Caeiro ainda deixava transparecer gotículas do seu criador, o que não sucedia nos versos de Reis. Sua primeira ode é de 12 de junho de 1914 e a última de 13 de dezembro de 1933.

Médico de profissão, monárquico, fato que o levou a viver emigrado alguns anos no Brasil, a partir de 1919, Ricardo Reis é um dos mais importantes heterônimos de Fernando Pessoa e representa, tanto na mentalidade como no estilo, o poeta de estilo clássico. O crítico pessoano Georges Güntert reforça que de todos os estilos de Fernando Pessoa, Reis é de longe o mais clássico: “Ricardo Reis forma a poesia com idéias que reveste de palavras sonoras. A poesia é para ele música que se faz com idéias, e por isso com palavras. Crê que a idéia justa é rítmica em si mesma”. (GÜNTERT, 1982, p. 188). Outra característica são os latinismos dos quais o próprio Pessoa apenas recorria raramente como meio estilístico alienante e oclusivo, porém para Reis passa a ser a regra.

A poesia de Reis apresenta uma tendência voluntária para a abstração, para a precisão e para uma linguagem elevada e expressiva. Isto se revela na maneira de escrever latinizante, em palavras como ‘scasso, strito, scutando’; no gosto pelo gerúndio e formas semelhantes – ‘sabendo, ignorando’ – e ainda: ‘gemebundo, as oferendas’ – cujo alongamento nasal e arredondamento agrada ao poeta; no emprego do pouco participio presente ‘recumbente, enchente, vazante’, e palavras de som semelhante como ‘indiferente, o viandante, os contendentes’: na colocação, a maior parte das vezes estranha, dos adjetivos ‘as Parcas três, meus passivos olhos’; no acumular da construção dos participios ‘a beleza... eu a goze externa e dada, repetida’; no uso latino dos substantivos como atributo predicativo ‘olhos, lagos que a morte seca’; e finalmente em ousadas distâncias sintáticas, nomeadamente no emprego do hipérbato: “As rosas amo dos jardins de Adônis ou De Apolo o carro rodou para fora.” Estas indicações gramático-estilísticas são tomadas por Reis apenas como um embelezamento da linguagem, a qual é um contínuo fluir, sobressaindo do mundo fragmentado de Fernando Pessoa.

O estilo de Ricardo Reis, elegante e cuidadoso, manifesta bem a tentativa de adequar a linguagem (a forma) a uma concepção do mundo e da vida. É um poeta telúrico onde até mesmo as estações do ano possuem, cada qual, um significado: o outono significa o passar do tempo,

a decadência; o inverno o sono ou a morte, a primavera o recomeço ou a renovação. Porém, na observação da natureza e seu enxerto na poesia, há apenas uma satisfação aparente, uma serenidade que esconde um recôndido desespero, como se o poeta fosse um desterrado num mundo estranho. “Um poema é a projeção de uma idéia em palavras através da emoção. A emoção não é a base da poesia: é tão-somente o meio de que a idéia se serve para se reduzir a palavras”. (LOURENÇO, 1973, p. 215).

Observa-se que ortônimo e heterônimo apresentam características comuns: ambos possuem certa semelhança física, são monárquicos que terminam por viver cada um numa república, são também extremamente democráticos e têm em comum a elegância das odes. Uma característica peculiar em Reis é a ocupação com as flores em seus exercícios poéticos. Em primeiro lugar está a rosa, a mais clássica das flores, depois a papoula, a magnólia e, finalmente, o girassol, característico também em Caeiro. A preferência pela rosa não é gratuita, trata-se da efemeridade e do medo da morte. Este medo da morte justifica-se pelo sofrimento que ela pode causar, como o de Cristo.

Ricardo Reis elege os deuses pagãos e diz que “Cristo é um deus a mais”. Ao mesmo tempo que há uma preocupação exagerada em negar o cristianismo, elege demasiadamente o paganismo. “Para o heterônimo Reis, o paganismo é ‘uma visão intelectual da verdade’”. (CRESPO, 1984, p. 78). Sua maior defesa é abominar o culto ao deus único, desta forma ataca o cristianismo: (...) “Não a Ti, Cristo, odeio ou menosprezo (...) / Não a ti, mas aos teus, odeio, Cristo” (...) Cristo é considerado o deus do sofrimento, em razão de toda a sua história, e a única coisa que Reis jamais admitirá é o sofrimento e o amor, já que é um epicurista é o pagão que nega o Cristianismo dedicando odes a Cristo, explicando a recusa ao movimento religioso cristão, e não exatamente a Cristo.

Ciente de que o paganismo estava em decadência, Reis não esconde a indiferença que sente diante das turbulências políticas que Portugal estava passando na época. Dessa forma, Ricardo Reis concebe Cristo como um deus seu também. Entretanto, Cristo é visto como o Deus que faltava, que era necessário. Ora, mas se faltava algum deus, é porque os

que existiam já não eram suficientes e não emanavam confiança completa em seus crentes.

“Reis não crê numa nova paganização da Europa, pelo que o neo-pagão da decadência não tem outro recurso, bem patente na sua obra, que o da indiferença e o desdém frente à nossa civilização, e que isso embora se admita, como sugere o heterônimo Frederico Reis – um dos seus parentes? – que Cristo, muito de acordo com a mentalidade pagã, poderia ser admitido como o novo deus que lhe faltava, isto é, em conceito de deus triste, tese sustentada pelo próprio Ricardo Reis em algumas de suas odes”. (CRESPO, 1984, p. 79).

De acordo com algumas odes de Ricardo Reis percebemos que o poeta considera Cristo seu Deus, porém, deixa transparecer nos versos de suas poesias a dor e o sofrimento que foi toda a vida de Cristo. Um deus que enxerga o pranto, que mesmo triste acalma a tristeza.

[...] “Não matou outros deuses / O triste deus cristão. / Cristo é um deus a mais. / Talvez um que faltava.” [...] (313). O heterônimo insiste num auto-convencimento de que Cristo não é o maior, caracterizando-o como um deus triste. Reis abomina o culto a um deus único, usando este argumento como a sua principal defesa com uma preocupação exagerada: “NÃO A TI, Cristo, odeio ou te não quero. / Em ti como nos outros creio deuses mais velhos. / Só te tenho por não mais nem menos / Do que eles, mas mais novo apenas.

Esta ode, a 342, de 9 de outubro de 1916, revela de antemão uma das respostas que procuramos para a pergunta: Ricardo Reis realmente odeia o cristianismo? Qualquer pessoa adepta do paganismo admite todos os deuses. Ricardo Reis não é diferente, por mais que seja pagão. Declara que admite Cristo como seu deus também, entre os outros deuses pagãos, traindo-se a si mesmo, pois muitas vezes manifesta seu acolhimento ao cristianismo. [...]“O fato de Reis ser um pagão tradicionalista [...] admite Cristo entre os seus deuses, não é um despropósito teológico mas, de certo modo, uma aproximação – por acumulação, e não por eliminação”. (CRESPO, 1984, p. 100). Desta forma entendemos que Reis acolheu

Cristo como mais um deus seu, ou seja, acumulou mais um. No entanto, ao agregar mais um ser divino ao seu rol espiritual, Ricardo Reis não deixa de acreditar ou acreditar menos nos deuses que já tinha antes do surgimento de Cristo. O Pessoa demiurgo, que escrevia muitas cartas a seus amigos, nos revela em uma delas, dirigida a Sá Carneiro, datada de 6 de dezembro de 1915, que “Reis era pagão por caráter, um pagão cujo paganismo [...] acolhe qualquer deus”. Maria Helena Nery Garcez concorda com Crespo, apontando nos versos de Reis ressonâncias simultaneamente cristãs e pagãs: “Deixai brincar os moribundos! / De rosas, inda que de falsas teçam / Capelas verás. Breve e vão é o tempo / Que lhes é dado, e por misericórdia / Breve nem vão sentido” (377) as rosas com espinhos que formam coroas nos lembra a coroa de espinhos que foi colocada em Cristo no calvário, tal característica é comum encontrarmos nas odes de Reis. O dualismo cristão x pagão aparece com frequência, denunciando o cristianismo. “Qualificados de ‘nécios’, são também denominados ‘sábios’, pois neles impera a inconsciência dos irracionais”. (GARCEZ, 1990, p. 51). Comenta também sobre a suave presença cristã denominada misericordiosa. Reis mostra-se apaziguado, aconchegando-se a Cristo, de modo igualitário como o faz com seus deuses pagãos, destacando-lhes a igualdade.

Entretanto, o heterônimo não esconde o desprezo pelos idólatras de Cristo: [...] “Odeio-os sim, e a esses com calma aborreço, / Que te querem acima dos outros teus iguais deuses.” [...]. Reis deixa bem claro o desprezo que sente pelos seguidores de Cristo. Mescla suas veias pagãs e cristãs, porém, crê nos deuses que já existiam no Olimpo, antes da “vinda” de Cristo e neste, inclusive. Acha que é um despropósito simplesmente apagar as crenças antigas. Apresenta a condição de crer em Cristo, mas de não esquecer os deuses que o precederam. Eis aqui a acumulação a que Crespo se refere.

Na ode 343 Reis volta a atacar os cristãos e a idolatria ao cristianismo, desta vez mais declaradamente, justificando: [...] “A esses, sim, do âmago eu odeio / Do crente peito, e a esses eu não sigo, / Supersticiosos leigos / Na ciência dos deuses.” [...].

Como que desabafando em momento íntimo com Cristo, Reis apresenta argumentos sobre seu horror aos cristãos, insultando-os de supersticiosos e leigos na ciência dos deuses. Nos dois últimos versos da segunda estrofe (ode 343) temos outra declaração esplêndida de Reis a Cristo: não apenas o admite mas o quer como um deus: [...] “Quero-te onde tu ’stás, nem mais alto / Nem mais baixo que eles, tu apenas [...]”.

O paganismo de Reis é alimentado por um cristianismo latente e disfarçado, como se percebe nesta ode: “[...] Ah, aumentai, não combatendo nunca. / Enriquecei o Olimpo, aos deuses dando / Cada vez maior força / P’lo número maior. [...]” (343).

O paganismo alimenta-se da força de Cristo ao dizer “enriquecei o Olimpo” e ainda “dando cada vez maior força”. Cristo é apenas mais um deus triste: “[...] Teu vulto triste e comovido sobre / A ’steril dor da humanidade antiga [...]” (343).

O heterônimo neoclássico manifesta seu repúdio ao sol na ode 318: “Desterrado da pátria antiqüíssima da minha / Crença, consolado só por pensar nos deuses, / Aqueço-me trêmulo / A outro sol do que este”. É a partir deste repúdio ao sol que ilumina e aquece o momento presente, o sol de inverno, segundo ele, que fica implícito entre paganismo e cristianismo, Ricardo Reis explicita sua preferência pelo primeiro. Entretanto, é impossível não notarmos que os termos com o que o faz estão muito mais próximos do contexto cristão do que do pagão.

“Não é característica do paganismo greco-latino a experiência de uma condição de desterro. Não são características, além do “desterrado”, as acepções com que são tomados os vocábulos: “pátria”, “crença”, “consolado”. A condição de sentir-se expatriado, exilado, faz pensar muito mais no *ethos* judaico-cristão – ou, se quisermos, dentro do mundo grego, no pitagórico, no órfico, no platônico – do que no *ethos* caracteristicamente pagão”. (GARCEZ, 1990, p. 84).

Os termos: “desterrado”, “pátria”, “crença”, “consolado” são muito comuns em orações cristãs, por exemplo: a expressão “crença” pode ser

encontrada inúmeras vezes na oração Creio – “Creio em Deus pai todo poderoso [...] creio no Espírito Santo...”

Maria Helena Nery Garcez afirma que o paganismo é uma espécie de camisa-de-força em Ricardo Reis, que, inclusive “assenta-lhe muito bem”. A estudiosa não poderia definir melhor este estado de “disfarce” de Reis, comparando-o a uma camisa de força. Basta pensarmos na real função do cristianismo: segurar, proteger, cuidar, amparar. Metaforicamente, a camisa de força de Reis é o paganismo, que tenta segurar e esconder o cristianismo latente.

É na ode 330, de 09/08/1914, que mais uma vez o heterônimo denuncia através dos substratos cristãos a sua crença. Cristo, Maria, fonte, claras águas etc... Diferentemente da ode 342, onde Reis ataca e insulta os idólatras de Cristo, na ode 330, manifesta toda a sua revolta aos idólatras, mas não a Cristo. Porém, na ode 330, Reis não se mostra rude. A poesia é regada de respeito, calma e adoração, num sentido único de explicar simplesmente, ou pelo menos tentar, que crê em Cristo, mas não nos seus seguidores:

*VÓS QUE, CRENTES em Cristos e Marias
Turvais da minha fonte as claras águas
Só para me dizerdes
Que há águas de outra espécie*

*Banhando prados com melhores horas –
Dessas outras regiões pra que falar-me
Se estas águas e prados
São de aqui e me agradam?*

*Esta realidade os deuses deram
E para bem real a deram externa.
Que serão os meus sonhos
Mais que a obra dos deuses?*

*Deixai-me a Realidade do momento
E os meus deuses tranqüilos e imediatos
Que não moram no Vago
Mas nos campos e rios.*

*Deixai-me a vida ir-se pagamente
Acompanhada pelas avenas tênues
Com que os juncos das margens
Se confessam de Pã.*

*Vivei nos vossos sonhos e deixai-me
O altar imortal onde é meu culto
E a visível presença
Dos meus próximos deuses.*

*Inúteis procos do melhor que a vida,
Deixai a vida aos crentes mais antigos
Que a Cristo e a sua cruz
E Maria chorando.*

*Ceres, dona dos campos, me console
E Apolo e Vênus, e Urano antigo
E os trovões, com o interesse
De irem da mão de Jove.*

Reis desafora os “crentes em Cristos e Marias”, por escurecerem-lhe as águas claras. Fica evidente que o discurso cristão não lhe é inofensivo e não o deixa indiferente. Do contrário, ele não se sentiria castigado. Também percebemos um niilismo em Reis, uma descrença, indicando a possibilidade de destruição de tudo o que socialmente existe para o progresso da sociedade.

Observamos que por três vezes ele pede “deixai-me” e usa ainda, sem o pronome, o mesmo imperativo por mais uma vez, na tentativa de ver-se livre de uma obsessão que o persegue. Semelhante a Alberto Caeiro na primeira parte do poema *O Guardador de Rebanhos*, Reis agride o cristianismo, ridicularizando-o, como um meio, talvez de assim se libertar. É notório que quando não falamos bem de algo é porque conhecemos e sabemos que não é bom. Nesta linha de raciocínio entendemos que Reis em algum tempo conheceu, e muito bem, o cristianismo.

Então nos perguntamos: quem é que não o “deixa” viver pagãmente? Os “crentes em Cristos e Marias” ou a sua própria consciência - ou escolha? Alguma razão o faz voltar várias vezes ao mesmo argumento de que os outros deuses são mais antigos de que Cristo e este não deve ser anteposto. Observa-se que quando os argumentos se repetem demasiadamente, talvez não seja para os futuros leitores de suas odes, mas, sim, para si mesmo. Ele tentando se auto convencer. Observemos uma comparação significativa: “Se Epicuro foi

materialista e ateu, como poderia Ricardo Reis, o advogado dos deuses contra Cristo, o propugnador do ludo como resistência à perecibilidade e adesão à ordem imperecível, ser seu discípulo?” (GARCEZ, 1990, p.85).

Ricardo Reis, apoiado no ortônimo, considera o Helenismo como a lei do desenvolvimento humano, e interpreta unilateralmente as suas intenções:

Esta gente julgava estar com os antigos quando ia de encontro ao cristianismo por o que eles chamariam razões estéticas; não passam de discípulos cristãos, nem do paganismo, mas apenas de certas escolas filosóficas que o paganismo produziu. Epicuristas cristãos, hedonistas católicos, estóicos de um pórtico judeu, deixemo-los na podridão estulta dos que quiseram aceitar os deuses sem saber de que matérias eles eram feitos, dos que quiseram seguir os filósofos da antiguidade, no que tinham de essencial, sem saber o que é que eles tinham de essencial, nem por que caminho iam. (SILVA, 1985, p. 87).

É notória a afirmação de que muitos que se julgavam pagãos, “não passam de discípulos cristãos”. Logo, Reis pode muito bem ser um destes pagãos, já que encontramos tantos resquícios favoráveis a Cristo em suas odes. Ciente está, porém, que não pode propagar o paganismo pois: “o reconstrutor moderno do paganismo pode, como Caeiro, por um alto dom dos Deuses, atingir a inteligência e a sensibilidade do pagão; não pode nunca pregar a ação pagã porque a ação é social, e não há sociedade pagã a que essa ação corresponda”. (SILVA, 1985, p. 93).

Mesmo assim o heterônimo insistente trabalhou a construção, apoiado numa base doutrinária, capaz de sustentar toda a sua poesia. “Teve que esforçar-se por consegui-la, que superar a influência debilitante do Cristianismo milenário, teve que trabalhar com diligência para não sucumbir ao subjetivismo herdado”. (SILVA, 1985, p. 94).

Foi um esforço para o poeta manter a “máscara” pagã, mesmo deixando pistas valiosas de seu disfarce. Contudo, o poeta é caracterizado pelo ortônimo como pagão, deixando aberturas a possíveis indagações. Além desta que fazemos, a religiosa, mesmo que Silva acredite que Reis não sucumbiu ao subjetivismo herdado, será isso mesmo? A partir das

análises propostas nesta pesquisa, entendemos que Reis cedeu ao subjetivismo, contagiado que foi por Fernando Pessoa ortônimo.

Gilbert Murray observa que os mitos sobrevivem apenas como material para a literatura e as formas dos deuses são principalmente usadas como material para a arte. “Não são objeto de crença, mas sim de imaginação”. (SILVA, 1985, p. 96). E continua, afirmando que são apenas sonhos, ideais, alegorias de artistas. Tais deuses não são vistos como fatos reais, mas somente como metáforas.

Outro fator ainda nos chama atenção em Ricardo Reis: ele não faz questão de esconder seu medo da mudança, escreve, quase como orando pedindo uma graça, característica cristã: “Tudo quanto me ameace de mudar-me / Para melhor que seja, odeio e fujo. / Deixem-me os deuses minha vida sempre / Sem renovar”.

O heterônimo partilha com o ortônimo e com Álvaro de Campos a necessidade de certezas permanentes. Descrê na transcendência do tempo. Uma ou outra vez, transgride um dos princípios básicos do estoicismo e do epicurismo: a abolição do medo da morte. Em muitas ocasiões poéticas, Reis divide com os leitores a necessidade de viver sossegado até o “seu dia chegar”, como se estivesse esperando a morte, tranqüilamente.

Por mais que Reis tente manter sua proposta pagã em seus exercícios poéticos, ele não atinge seu objetivo, justificando-se: “Cada um cumpre o destino que lhe cumpre, / E deseja o destino que deseja; / Nem cumpre o que deseja; / Nem deseja o que cumpre”.

“Cristo é um deus a mais / o deus que faltava...”

“Talvez Ricardo Reis não tenha sido capaz de realizar o que pretendia, mas não se pode negar que conseguiu realizar uma bela imperfeição”. (SILVA, 1985, p. 110). Pretender ser pagão e sê-lo totalmente é uma controvérsia difícil de ser sustentada. Reis levou até o fim esse mascaramento. Porém, seus exercícios poéticos denunciam

desvios significativos para o cristianismo. Isto resultou num trabalho extenso e admirável, composto de inúmeras odes, que nem sempre trilham por um caminho certo, mas em vários cominhos.

Um escrito de Baudelaire serve como advertência a Reis: “Desgraça para quem estuda na antiguidade outra coisa que não seja a arte pura, a lógica, o método geral? Ao mergulhar fundo demais, acaba por perder a memória do presente; abdica do valor e dos privilégios fornecidos pela circunstância; porque quase toda a nossa originalidade provém da estampilha que o tempo imprime nas nossas sensações”. (SILVA, 1985, p. 11).

Não apenas os poemas analisados e aqui citados, mas muitos outros apresentam como característica comum um *corpus* embasado nos tempos romanos e helenísticos e não são mais que uma busca em modelos latinos: *aurea mediocritas*, *carpe diem*, etc.

T. S. Eliot nos aponta que o poeta não tem “o seu significado completo sozinho. A sua significação, a sua apreciação, são a apreciação da sua relação com os poetas e artistas já mortos. Só podemos avaliá-lo, para encontrar pontos de contraste e comparação, entre os mortos”. (SILVA, 1985, pp. 113, 114).

A partir destas análises e olhares de outros estudiosos de Pessoa, podemos concluir que a poesia de Reis é uma poesia de reflexão ética. “À poesia construtiva de um Ricardo Reis responde Campos com ‘Tabacaria’, um poema que nega qualquer valor. E o pêndulo vital do poeta inclina-se uma vez mais para o lado da recusa”. (GÜNTERT, 1982, p. 201). Observamos que na grande maioria de sua produção poética está evidente que há uma recusa do Cristianismo, que há uma absorção excessiva do Paganismo, revelando a sua necessidade religiosa. “Só há dois tipos de atitude constante pelos quais a vida é digna de ser vivida: pela alegria nobre de uma religião, ou pela pena nobre de ter perdido uma religião”. (PESSOA, apud SILVA, 1985, p. 114).

A nostalgia romântica de Reis pode estar fundada no desejo de fugir do presente. Desta forma, encontramos em seus exercícios poéticos todo

o elogio ao passado, que tem como propósito maldizer/ignorar a realidade, o momento presente, o Cristianismo.

Dos heterônimos de Fernando Pessoa, Reis pode ser o único que sucumbe ao dogmatismo. Tentou aderir com firmeza às “regras morais”, apreendidas primeiro como idéias, e, depois, rigorosamente seguidas como leis. Porém, como adepto do epicurismo esqueceu um dos grandes ensinamentos: “devemos rir e filosofar ao mesmo tempo”. (GÜNTERT, 1982, p. 200). “De todos os pseudônimos, Ricardo Reis é o que leva mais longe as novas possibilidades de uma arte de linguagem autônoma e autocrática. O seu ponto de vista permanece o único positivo”. (GÜNTERT, 1982, p. 200). Ricardo Reis apresenta-se como um ser totalmente apático, que leva a vida por levar, vivendo os dias conforme lhe convém, sem grandes acontecimentos. Ao mesmo tempo que evita até mesmo apaixonar-se para não sentir “dores emocionais”, Reis procura manter-se longe de qualquer turbulência. Dono de uma vida pacata, Ricardo Reis não tem nem mesmo humor, é um poeta que não sorri. Apenas observa, admira e vive o momento presente, característica dos epicuristas e estóicos.

Fernando Pessoa escreveu muitos ensaios anticristãos, porém não publicou nenhum, mas se o tivesse feito desencadearia um escândalo. Poucos iriam entender que Pessoa/Reis recusava o movimento saudosista “com o seu colorido cristão” assim como o idealismo nostálgico, isto porque estava mais interessado num significado mais humano da existência. Enquanto estudante possui extrema admiração pelo humanismo dos antigos filósofos, dos estóicos e dos epicuristas. Desta veia vem o Ricardo Reis que permanece fiel às diretrizes da moral pagã que visa dar um fim humano à vida. Desta forma entendemos que a moral pagã é uma moral de orientação e de disciplina, enquanto que a moral cristã é uma moral de renúncia e de desapego, que também Reis admite e prega.

Fernando Pessoa proporcionava ‘vida’ aos heterônimos, traçando-lhes nascimento, vida social e intelectual, bem como a data de falecimento. Entretanto, com a morte do poeta em 1935, Ricardo Reis

ficou sem data de falecimento. Em contrapartida, o escritor português José Saramago, em 1992, dedicou uma obra especialmente para ‘resolver’ a morte de Ricardo Reis literariamente, delimita uma data para a morte do heterônimo, bem como os acontecimentos que nortearam tal acontecimento, no romance *O ano da morte de Ricardo Reis*.

Procuramos, neste artigo, percorrer as odes de Ricardo Reis, buscando, primordialmente, compreender a negação do cristianismo. Para isso, pareceu-nos necessário retomar a obra pessoana, a fim de analisar as metamorfoses operadas em um paganismo latente. Vale dizer que as descobertas foram intensas, pois, em se tratando de Reis, o heterônimo que diz pretender ver “a vida a distância a que está”, o flagramos debatendo-se diante de situações em que nega e afasta o que está incrustado em si. Dessa forma, concluímos expondo amostras de que nega e afasta o cristianismo, mas não a Cristo, percebendo que as odes analisadas aqui, entre outras, estão encharcadas de substratos cristãos. Contudo, o campo produtivo de Reis apresenta-se vastíssimo, oportunizando reflexões em vários outros aspectos que não este visto aqui, o religioso.

Referências bibliográficas

CRESPO, Angel. *Estudos sobre Fernando Pessoa*. Lisboa: Teorema, 1988.

BUENO, Fátima Aparecida de. *O poeta no labirinto: a construção do personagem em O Ano da Morte de Ricardo Reis*. Viçosa: Editora UFV, 2002.

GARCEZ, Maria Helena Nery. *O tabuleiro antigo: uma leitura de heterônimo Ricardo reis*. São Paulo: Edusp, 1990.

APOSTILA organizada pela professora Maria Natália F. G. Thimóteo, UNICENTRO - Universidade Estadual Centro-Oeste, 2003.

SITE DA UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA, Portugal:
<http://www.ufp.pt>

SILVA, Luís de Oliveira e. *O materialismo idealista de F. Pessoa*. Lisboa: Clássica, 1985.

GÜNTERT, Georges. *Fernando Pessoa O Eu Estranho*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1982.

LOURENÇO, Eduardo. *Poesia e Metafísica*. Lisboa: Sá da Costa, 1973.

LOPES, Teresa Rita. *Pessoa por conhecer*. Lisboa: Editorial Estampa, 1990.

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001.

PESSOA, Fernando. *Páginas Íntimas e de Auto Interpretação*. Lisboa: Ática, 1966.

PESSOA, Fernando. *Obra em prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

Adriane, colocar em ordem alfabética as referências.
Os sites consultados, inseri-los por último.

Abraço e parabéns pelo estudo!!
Profa. Clarice.